

A *Tocha*
DA *Verdade*

A chave

(continua na página 10)



Uma Revista Cristã - Grátis
Número 29

Esta revista é para distribuição gratuita e não pode ser vendida

Conselho Diretor:

Duane Nisly
Marcos Yoder
Pablo Schrock
Antonio Campos
Antonio Valverde
Marcus Witmer
Josías Villalobos

Editores

Duane Nisly
Roland Sommers

La Antorcha de la Verdad

Apartado Postal #15
Pital de San Carlos
Costa Rica, C. A.

A Tocha da Verdade

Caixa Postal 241
Boituva-SP-Brasil
18550-970

www.editoramontesiao.com.br

revistatochadaverdade@gmail.com

Conteúdo

A chave	capa
Editorial	3
Jesus fala às igrejas	
A igreja em Sardes	4
A doutrina errada do tio Freddy . . .	13

Seção para os pais	16
A adoração ao deus “Bola”	17

História bíblica	
Raabe e os espias	18

Receita	
Salpicão de frango	24

Seção para os jovens	
A busca do contrabandista	
Capítulo 20	25

Seção para as crianças	
O presente para o professor	31
Atividade para crianças	34
A estrela do norte	Contracapa

Impresso no Brasil pela Literatura Monte Sião com autorização expressa da Publicadora La Merced. Todos os direitos reservados. Para colaborar com a impressão e distribuição de literatura cristã, o depósito pode ser feito no banco Bradesco Ag. 1952, c/c 397470-7, em nome da Associação Cristã Monte Sião, CNPJ 32.558.038/0001-70, uma organização sem fins lucrativos.

A PUBLICADORA LA MERCED é uma entidade da Asociación Servicios Cristianos Menonitas. Graças a doações de pessoas de todo o mundo, podemos fornecer esta revista. Se quiser ajudar, entre em contato pelo telefone +506-2465-0017 ou pelo e-mail: plmantor@gmail.com. Muito obrigado.

EDITORIAL

Prezado leitor:

Horrível, repentino, surpreendente, devastador... Como é difícil descrever o terremoto e o tsunami de 11 de março de 2011, no Japão. Mais uma vez, Deus mostrou seu poder infinito.

Temos a tendência de pensar mais seriamente sobre o fim do mundo quando vemos um fenômeno desses. Porém, logo esquecemos o que aconteceu e tudo volta ao normal. Jesus disse: **"Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai. E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem. Porquanto (...) comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem"** (Mateus 24:36-39). A mensagem que se destaca nessa passagem é que a vinda do Senhor acontecerá num dia normal, um dia como qualquer outro. Não haverá aviso algum. E o mais triste de tudo isso é que as pessoas só entenderão quando já for tarde demais.

Segundo informações, pode ser que o Japão seja o país mais preparado para um terremoto. O sistema de alerta precoce deu o alerta pelo menos dez segundos antes da "terra firme" começar a tremer em 1º de março de 2011. Apesar de estarem bem preparados, muitos morreram. No momento da publicação deste artigo, em 2011, o número total de mortos continuava aumentando.

Embora não haverá anúncios de sua vinda, Jesus já nos alertou sobre a sua segunda vinda. Ele nos deixou instruções para que nos preparássemos a fim de que aquele dia não nos surpreenda como um ladrão à noite (1 Tessalonicenses 5:2-4). O apóstolo Pedro nos exorta a estar preparados em todos os momentos, vivendo uma vida santa com a expectativa de que o Senhor virá a qualquer instante, aguardando novos céus e nova terra (2 Pedro 3:10-13). Porém, quando a trombeta soar, já não teremos nem sequer dez segundos para nos preparar, pois tudo ocorrerá **"num abrir e fechar de olhos"** (1 Coríntios 15:52). Jesus disse: **"Será levado um, e deixado o outro"** (Mateus 24:40).

"Por isso, amados, aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz" (2 Pedro 3:14).

Duane Nisly

Jesus fala às igrejas



A igreja em Sardes (Apocalipse 3:1-6)

Por: Marcos Yoder

A cidade de Sardes, capital do antigo reino da Lídia, localizava-se num dos lados do fértil vale do rio Hermes. Ficava cerca de 80 quilômetros a leste de Esmirna. A cidade era muito rica por causa do ouro que extraíam do rio Pactolo. Enriqueceu também por causa do comércio proporcionado pelas cinco estradas principais que a atravessavam. Sardes era conhecida pelo comércio de finos tecidos de lã. Como se pode imaginar, tanta riqueza provocou um sentimento de poder, autoconfiança e superioridade.

Que alegria nos dá saber que na-

quele lugar de tanta riqueza nasceu uma igreja de Cristo! Ali nasceu uma igreja formada por pessoas guiadas por valores e objetivos muito além dos deleites mundanos e materiais! Mas agora, alguns anos depois, como Cristo encontrou essa igreja? (Apocalipse 3:1-6)

Antes de fazer sua avaliação da igreja, Cristo destaca duas verdades sobre si mesmo que já havia anunciado no capítulo 1: Ele é aquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas. O número sete é usado simbolicamente no livro de Apocalipse. Ele aparece 55 vezes e, entre os usos, temos sete igrejas, sete

espíritos, sete castiçais, estrelas, lâmpadas, selos, chifres, olhos, anjos, trombetas, trovões, cabeças, diademas, pragas, taças, montes, reis e 7 mil homens. O número sete simboliza algo completo ou a totalidade de algo. Por que Cristo quis enviar cartas a apenas sete igrejas entre as muitas que existiam? Provavelmente quis nos dizer que essas mensagens são para todas as igrejas de todos os tempos. Os sete espíritos simbolizam a totalidade da obra do Espírito Santo. Isaías 11:2 nos fala sobre o Espírito Santo e sete aspectos de sua personalidade: “Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor”. Isso indica as multiformes capacidades do Espírito para realizar a obra de Deus. Essa imagem simbólica do Espírito Santo também é usada em Apocalipse 1:4; 4:5; 5:6.

Embora a igreja em Sardes tivesse uma aparência de riqueza, autossuficiência e autoconfiança, os sete olhos do Espírito de Deus viam a sua verdadeira condição interior. Antes de expressar o seu julgamento sobre essa igreja, Cristo também lembra aos membros dela que ele é quem tem as sete estrelas, ou seja, ele tem todos os pastores em suas

mãos. Ele está presente e interessado na forma como suas igrejas são dirigidas. Jesus não está apenas disponível para ajudar os pastores que recebem essa notícia alarmante, mas também tem todo o poder de ajudá-los. Vejamos a seguir o que Cristo tem a dizer à igreja em Sardes... e às igrejas de hoje.



Cristo conhece suas obras e lhes diz: “**Tens nome de que vives, e estás morto**”. Não sabemos tudo o que implica “ter nome de que vive”. Sabemos, ao menos, que se refere à igreja ter uma aparência de algo que não era. À primeira vista, parecia estar em boas condições. No entanto, estava morta. Que avaliação alarmante e contundente! Para que serve uma igreja morta? É incapaz de levar adiante o propósito de Deus de compartilhar vida com outras pessoas. Todos os seus esforços, obras e atividades são em vão. Toda a impressão que ela causa é falsa!

Que conselho Cristo dá a uma igreja em tais condições? “**Sê vigilante**”. Essa palavra significa “ficar acordado e vigiar”. Cristo a exorta a sair de sua condição de morte espiritual e a zelar pelo seu estado espiritual.

A próxima orientação é interessante: “Confirma os restantes, que



estão para morrer”.¹ Embora Cristo julgue a igreja em Sardes como espiritualmente morta, havia algumas coisas ali que ainda não tinham morrido. Essas coisas eram bons costumes que os membros ainda mantinham, apesar de estarem espiritualmente mortos. Ou seja, esses costumes eram bons e importantes, embora não proporcionassem vida nem fossem vida em si mesmos.

Quais eram essas coisas? Jesus não diz. Talvez fossem doutrinas bíblicas ou alguns costumes que estavam de acordo com a sã doutrina. O que sabemos é que para Jesus eram costumes importantes. Muitos diriam que essas coisas devem ser eliminadas, uma vez que não são vida em si mesmas. Mas Cristo, por outro lado, ordena que elas sejam confirmadas.

Como eu gostaria de saber quais eram essas coisas... Embora não saibamos quais eram, podemos concluir que Cristo quis nos ensinar a importância de não perdermos as

coisas que servem para o bem da igreja. Ele nos ensina que as coisas que estão em conformidade com a sã doutrina são importantes, que devemos mantê-las e não as deixar morrer.

O Senhor continua dizendo: ***“Porque não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus”***. As obras daquela igreja não eram aceitáveis por parte de Deus porque não eram perfeitas diante dele. Essa palavra perfeita significa “tornar pleno, cumprir ou completar”. As obras de suas vidas não correspondiam ao que o Senhor esperava deles. Isso é fácil de entender. Sabemos que as obras do crente vêm do coração. Nesse caso, as obras que se manifestaram na vida dos membros daquela igreja vieram de um coração que já estava espiritualmente morto. Desse modo, eram obras hipócritas ou mortas. Agora, vamos lembrar do ponto anterior. As obras, em si mesmas, não eram más, mas não vinham de um coração espiritual. A solução não era reagir contra essas obras hipócritas e eliminá-las completamente. Não; o problema do coração tinha de ser resolvido sem que a igreja deixasse de fazer as obras. Dessa forma, as mesmas obras se tornariam perfeitas diante de Deus.

Seguem-se as ordens de Cristo:

¹ Várias edições em diversos idiomas, incluindo a versão em espanhol utilizada pelo autor (Reina-Valeira 1960), trazem “as outras coisas” ou “as coisas que restam” em lugar de “os restantes”, levando à interpretação feita a seguir. (Nota do editor)

“Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido”. A solução do Senhor era voltar e lembrar das coisas do passado. Sua solução não era uma coisa nova; pelo contrário, Cristo diz para os membros daquela igreja voltarem aos fundamentos da fé cristã. Para que sejam restaurados de sua condição decaída, ele ordena que se lembrem do que receberam e ouviram no início. Embora muito simples, este princípio é importante: para que haja renovação, é preciso voltar à pureza da fé original, às primeiras coisas, à **“fé que uma vez foi entregue aos santos”** (Judas 3). A solução para eles não era reagir contra o passado, dizendo que este não lhes tinha servido. Como teria sido fácil reagir assim e procurar algo novo!

Além da necessidade de lembrar, Jesus lhes diz: “Guarda-o”. A ordem divina exorta aqueles cristãos a lembrarem e a guardarem o primeiro, o antigo. Era importante que eles soubessem que, para renovar seu relacionamento com Deus, precisariam voltar ao que era primeiro e não buscar uma revelação ou uma prática nova. Numa sociedade próspera e avançada como a de Sardes, a tentação teria sido procurar coisas novas e seguir as emoções das tendências progressistas. Mas a ordem do

Senhor foi lembrar-se das primeiras coisas e, mais importante ainda, guardar e manter seus costumes.



Para realizar a restauração da igreja, Jesus também lhes ordena: “Arrepende-te”. Arrepende-se significa “pensar de modo diferente”. É deixar uma maneira de pensar para pensar de outra forma, aquela que é segundo a vontade de Deus. Essa mudança no modo de pensar traz consigo uma mudança de vida significativa. Este último ponto, o arrependimento, é a base para retornar da morte para a vida. Mediante o arrependimento, a vida retorna ao coração morto. Sem arrependimento, não adiantava lembrar do que havia acontecido antes, nem manter os costumes anteriores. Sem a vida interior, todo o restante é inútil.

Então, depois de dar essas ordens, Jesus lhes adverte: **“E, se não vigiares, virei contra ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei”**. A raiz da palavra “vigiar” é a mesma de “sê vigilante”, usada no versículo anterior. Ou seja, se aqueles cristãos não atendessem à advertência do Senhor, ele viria sobre eles com juízo no momento em que menos esperavam. Eles

deviam arrepender-se imediatamente, porque o juízo viria a qualquer momento. Esse juízo iminente dá um sentido de grande urgência nas ordens do Senhor.

Depois de uma avaliação tão negativa, ficamos surpresos com as palavras: ***“Mas também tens em Sardes algumas poucas pessoas que não contaminaram suas vestes, e comigo andarão vestidas de branco; porquanto são dignas disso”***. Embora a maior parte da igreja estivesse sob o julgamento já pronunciado, algumas poucas pessoas haviam permanecido firmes na vida espiritual. Quão preciosas são estas palavras: ***“Porquanto são dignas”***! Como pode o pecador chegar a ser digno? Somente por meio da obra redentora de Cristo. Além disso, precisa cuidar-se para não manchar suas vestes depois de alcançar essa purificação. Que bênção! Alguns permaneceram fiéis, enquanto a maioria abandonou o caminho do Senhor. Isso demonstra que os outros na igreja tinham experimentado a redenção de Cristo, mas agora estavam contaminando suas vestes.

Jesus não explica como eles mancharam suas vestes. Que diferença haverá entre aqueles que mancharam suas vestes e aqueles que não o fize-

ram? O texto não explica esse detalhe. Contudo, sabemos que aqueles que mancharam suas vestes tinham perdido a vida espiritual. As manchas e a vida espiritual não podem permanecer juntas na mesma pessoa. Podemos concluir que quem está manchado não tem vida e que quem tem vida não está manchado. A mancha na vida certamente leva à morte.

Agora segue a promessa tão bela e promissora: ***“O que vencer...”***. Quem vence? No caso da igreja em Sardes, foram aqueles que não mancharam suas vestes e também os que as mancharam, mas depois aceitaram a mensagem de Cristo e se arrependeram. Aqueles que aceitam e obedecem ao que o Senhor lhes diz podem se limpar de suas manchas e tornarem-se dignos.

As promessas para esses são as seguintes: serão vestidos de vestes brancas do Senhor, seu nome não será apagado do livro da vida e Cristo confessará o nome deles diante de Deus Pai e de seus anjos. Que bela promessa! Essa mesma promessa, por sua vez, pressupõe que os nomes daqueles que não aceitaram os conselhos de Deus, nem lhes obedecem, serão apagados do livro da vida.

Jesus termina com uma adver-

tência para a igreja em Sardes e para nós: **“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”**.

Bem, como essa mensagem se aplica a nós hoje em dia? Cristo está presente e conhece sua igreja. Sua avaliação é a que vale. Não é tão importante o que as pessoas dizem sobre nós. Uma igreja pode ter uma boa aparência e estar morta. Pode ser hipócrita e reprovada diante de Cristo. Se isso acontecer conosco, temos nessa carta o conselho do próprio Senhor para corrigir o problema: **“Sê vigilante [diríamos: Acorda!], (...) confirma os restantes (...) lembra-te (...) do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te”**. É importante lembrarmos desse conjunto de conselhos. Há mais do que apenas arrependimento. O arrependimento é importante, mas o Senhor diz que também há coisas que devemos confirmar e guardar para resolver esse problema. Por meio da obediência aos seus mandamentos, podemos aperfeiçoar as nossas obras e tornar-nos dignos diante dele. Essa é a mensagem para Sardes e para nós, que estamos incluídos nas “sete” igrejas.

No mundo moderno em que vivemos, existem muitas maneiras de manchar nossas vestes. Como po-

demos evitar isso? Lembrando da fonte original do evangelho, o Novo Testamento, e guardando o que o Senhor nos ordena. As grandes massas de hoje correm como loucas e estão cegas atrás de homens famosos e de movimentos populares. Mas, como nos dias da igreja em Sardes, existem algumas pessoas que seguem o modelo original, o Novo Testamento. São poucas as que não mancharam as vestes com a adoração ao homem e suas grandes expressões de orgulho e vaidade. A maioria nem sequer percebe que esses movimentos populares e prósperos não obedecem aos ensinamentos do humilde Jesus.

Nestes tempos de tanta apostasia, essa carta nos faz compreender que podemos permanecer fiéis mesmo que todos os demais se desviem. Podemos nos unir às poucas pessoas de Sardes que não mancharam suas vestes. Podemos tomar a mesma decisão de Josué: “Eu e a minha casa serviremos ao Senhor”.

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.”



A CHAVE (vem da capa)

Era meia-noite. Caía granizo e as ruas estavam desertas. Não havia nem sequer um policial para impedir as intenções do jovem que caminhava pelas ruas escorregadias. Ele se aproximou da casa da esquina. Era uma residência grande e bem construída, mas não tinha nenhuma luz iluminando a noite escura.

Que intenções tinha o jovem ao se aproximar da porta daquela casa àquela hora da noite? Seria um ladrão procurando algo para roubar?



O jovem colocou a mão no bolso da calça e tirou uma pequena chave, que inseriu na fechadura. Sim, a porta se abriu, e o jovem entrou na casa. Dentro, tudo estava escuro, mas a temperatura era acolhedora. Em seguida, ele procurou o lugar de saída do ar aquecido. Seus movimentos eram confiantes, como se conhecesse a casa. Ele permaneceu diante da saída de ar por alguns minutos a fim de se aquecer e depois avançou. Procurou a escada e subiu com muito cuidado, para não fazer barulho. Ao chegar no piso superior, no meio daquela escuridão, ele deslizou as mãos pela parede para procurar uma porta. Depois de encontrá-la, ele permaneceu imóvel por alguns momentos. O jovem respirava profundamente. Por fim, segurou

a maçaneta da porta. Será que estaria trancada? Não, a porta logo se abriu, era um quarto.

A luz do poste iluminava levemente o quarto, e o jovem notou que a cama parecia bem arrumada, como se estivesse pronta para um ocupante. Na cadeira, ao lado da cama, havia um pijama e, no chão, um par de chinelos. A luz estava muito fraca, e o jovem não conseguia enxergar mais nada além disso. De repente, ele soluçou alto e caiu de joelhos ao lado da cama.

Não, o jovem não era um ladrão, mas um garoto doente que procurava secretamente sua casa na escuridão da noite.

Já se haviam passado quase dois anos desde que o jovem tinha se ajoelhado ao lado daquela cama pela última vez. Sua mãe havia morrido, e ele decidiu sair de casa, julgando que seu pai era muito severo e insensível. Certo dia, no tempo em que viveu como um andarilho miserável, chegou a ele um envelope de seu pai. Vários selos postais de diferentes locais no envelope indicavam que tinha sido difícil localizar o jovem. Dentro do envelope não havia nenhuma carta, nem sequer uma palavra escrita. A única coisa que o envelope continha era a chave da porta da casa do pai. Durante muitos meses, o jovem carregou a chave no bolso, mas ela o incomodava: lembrava-o continuamente de que, embora fosse o filho pródigo, ainda havia um lar para ele. A chave também o lembrava do Salvador Jesus, em quem sua mãe confiava para alcançar salvação.

Chegou o dia em que, em sua profunda angústia, o jovem também confiou no mesmo Salvador Jesus Cristo. Mesmo depois da mudança que experimentou, o medo de voltar permanecia. A chave que ele sempre carregava no bolso era uma lembrança constante disso, e agora, finalmente, ela o fez voltar para casa.

Na manhã seguinte, o sr. Kane abriu a porta do quarto, como havia feito desde que enviou a chave naquele envelope. Na verdade, ele não esperava ver ninguém ali, mas já era seu costume. Todas as manhãs ele abria a porta para ver se o filho havia retornado. Quando abriu a porta, ele parou atônito. Seria verdade? Aquilo seria uma visão? Não! Era definitivamente verdade. Era Rafael quem estava dormindo na cama. Seu rosto parecia pálido e magro. O sr. Kane caiu de joelhos ao lado da cama, o que fez com

A CHAVE

que o jovem abrisse os olhos.

— Ah, pai! — começou a dizer entre soluços. — Voltei para casa para morrer. Eu tenho sido muito mau. Você pode me perdoar, pai?

— Claro que sim, meu filho! E quanto a Deus? Você também tem buscado o perdão de Deus?

— Sim, claro que sim, pai, e eu queria contar isso a você antes de morrer.

— Morrer? Por que você está dizendo isso? Você não vai morrer — disse o pai enquanto abraçava o filho.

— Um médico do hospital me disse que não tenho muito tempo de vida.

— Bem, vamos ver — disse o pai enquanto pegava o telefone para chamar o médico da família.

O médico chegou e, após examinar Rafael, virou-se para ele com um sorriso:

— O médico do hospital sabia muito bem que, com a vida que você levava e sem alguém para cuidar de você, não conseguiria viver muito mais. Porém, se você for para um lugar com clima quente e, ao mesmo tempo, levar uma vida saudável e casta, terá todas as chances de viver muitos anos ainda.

Quando o médico saiu, Rafael virou-se para o pai e disse:

— Pai, muito obrigado por me enviar a chave! À luz do dia, eu nunca teria tido coragem de voltar para casa. Mas, estando lá fora, no frio da noite, não pude resistir ao calor e ao conforto aos quais tive acesso graças a essa chave.

— Bom, filho, eu tinha pedido a Deus que me ajudasse a fazer alguma coisa por você, e foi ele quem me deu a ideia de lhe enviar a chave.

— Como Deus é bom! — Rafael respondeu.

O pai olhou carinhosamente para o filho e lhe disse:

— E você tem uma vida pela frente para mostrar a Deus a gratidão que sente pelo que ele tem feito.

Selecionado
Retirado de *The Gospel for Youth*



A doutrina errada do tio Freddy

A seguinte narrativa foi extraída de cartas enviadas entre um crente e seu tio. O tio é uma pessoa que acredita na falsa doutrina de que um cristão não pode cair da graça de Deus... que, uma vez salvo, sempre salvo (“perseverança dos santos”). Nesta narrativa podemos ver os resultados trágicos de abraçar essa doutrina tão popular hoje em dia, embora errônea.

Carta do tio Freddy para seu sobrinho:

Li o livro que você me enviou e fiquei impressionado com as habilidades teológicas e analíticas do autor. No entanto, não li nada que não tivesse lido antes e que não pudesse refutar. Continuei dizendo o seguinte: uma pessoa se encontra (1) perdida e sem Cristo, ou (2) salva e vivendo em obediência a Deus, ou (3) salva, mas vivendo em desobediência. (...) Parece-me que o versículo-chave em torno do qual gira esse debate é encontrado em Hebreus 12:5-8 (...). É um debate muito sério e há diferenças de opinião até entre homens de Deus (...). Há algum tempo, eu cria no mesmo que você (...). Quando mudei de ideia (...) a vida cristã ficou muito melhor (...). Espero que o Senhor ilumine você no seu caminho.

Carta do sobrinho para o tio:

Fico muito feliz que você teve a oportunidade de ler o livro. Como você sabe, não fui criado num ambiente cristão nem tampouco me ensinaram sobre a Bíblia, com exceção das poucas vezes em que minha avó me levou a um culto. Então, quando me converti, fiz o que poderíamos chamar de “virar a página” em minha vida. Eu não tinha ideias preconcebidas vindas do que outros me disseram ou qualquer doutrinação anterior. Quando o Senhor me salvou, passei muitas horas lendo a Palavra de Deus. O principal desejo

da minha vida era: O que a Bíblia diz sobre este ou aquele assunto para que eu possa obedecer?

Ao estudar a Bíblia, nunca passou pela minha cabeça a ideia de que eu poderia permanecer salvo incondicionalmente. A primeira pessoa que me apresentou essa doutrina foi o tio Morris, quando compartilhei meu testemunho com ele pela primeira vez. Para mim, foi um choque tremendo quando ele me disse que também tinha se convertido na juventude e que sempre tem sido cristão. Eu não podia acreditar! Como é possível que um homossexual descarado afirme ser cristão? Perguntei a ele sobre isso, e ele me deu um livrinho para ler. Adivinhe sobre o que era o livrinho... Era sobre a perseverança dos santos! O falso mestre que escreveu o livro se atreveu a dizer que "legalmente, Deus tem de permitir a entrada no céu a todo pecador que em algum momento de sua vida teve fé, mesmo que tenha sido apenas por um milésimo de segundo". Isso, disse ele, mesmo que a pessoa nunca sirva a Deus durante sua vida.

A segunda vez que encontrei essa doutrina foi num diálogo com meus avós. A primeira vez que compartilhei meu testemunho com minha mãe e com a tia Ana, elas reclamaram muito da hipocrisia do vô e da vô. Elas me contaram algumas de suas condutas ímpias, que não eram nada condizentes com o ensino bíblico. Eu, sendo cristão novo e sem muito conhecimento, mas com bastante zelo, senti o desejo de ser um instrumento nas mãos de Deus a fim de buscar a reconciliação da minha família. Então, um dia, quando estava sozinho com os avós na casa deles, trouxe à tona o tema das feridas e amarguras que seus próprios filhos guardavam. Eu sinceramente acreditava que eles estariam dispostos a fazer o que fosse necessário para restaurar o relacionamento com os filhos. Mas eu estava muito errado. Minha avó disse: "Bem, ninguém é perfeito. Eles também cometeram muitos erros. Eu já tenho minha passagem garantida para o céu". Meu avô também acrescentou seus próprios argumentos para apoiar minha avó. Porém, o que minha avó disse sobre a passagem garantida me deixou muito pensativo. Naquele momento pude ver a doutrina da preservação dos santos causando danos àquelas pessoas que professavam ser crentes, mas justificavam o seu comportamento ímpio. Então, tentei mudar sua maneira de pensar com relação a essa doutrina. Eu quis

Ihes mostrar seu erro, com a Bíblia, mas eles não queriam ouvir nada. Eles estavam bem convencidos dessa doutrina e mergulhados nela.

Espero que você possa entender por que odeio tanto essa doutrina. Acredito firmemente que neste momento, enquanto escrevo esta carta, meu tio Morris está sofrendo os tormentos do inferno. Eu poderia lhe mostrar Escritura após Escritura que respaldam minha crença. Contudo, não consigo encontrar um único versículo que permita ao pecador continuar em sua vida pecaminosa com a segurança de que, no final, ele encontrará a graça e o amor de Deus. Se você estuda a Bíblia dia após dia e continua acreditando nessa doutrina, não há nada que eu possa dizer para mudar sua maneira de pensar. Nem sequer seria proveitoso falar sobre isso.

Sinto muito, tio Freddy, mas obviamente estamos em dois caminhos muito diferentes, e eles ficarão cada vez mais distantes um do outro com o passar dos anos. Continuarei orando para que o Senhor abra seus olhos para a verdade.

Seu sobrinho,
Eduardo

Anônimo; extraído de *The Pilgrim Witness*
Novembro de 2009

“Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum” (Romanos 6:1–2).

“Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente” (Tito 2:11–12).

“Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectativa horrível de juízo, e ardor de fogo, que há de devorar os adversários” (Hebreus 10:26–27).

Ver também: Lucas 8:13; 1 Timóteo 1:1–6, 19–20; 2 Timóteo 4:10; Hebreus 2:1–3; 3:12; 12:14; 2 Pedro 2:21–22; 1 João 3:7–10.



SEÇÃO PARA OS PAIS



“Então falou Deus todas estas palavras, dizendo: Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam. E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.” (Êxodo 20:1–6)

A adoração ao deus “Bola”

Nos relatos bíblicos sobre o povo de Israel, lemos muito sobre um deus pagão chamado Baal. A tentação de adorá-lo foi um perigo constante durante a sua existência na terra prometida. Esse período de tempo começou quando os israelitas entraram na terra de Canaã e terminou com o seu cativeiro na Babilônia. A adoração a Baal incluía sacrifícios de animais, festivais com rituais e danças sensuais. A vaidade e a atração sexual contidas na adoração a esse ídolo eram um apelo tremendo para o povo de Israel. Os habitantes de Canaã eram adeptos à adoração a Baal e os israelitas aderiram a essa adoração logo após a conquista da terra. Em Juízes 2:13 lemos que, logo após a morte de Josué, os israelitas *“deixaram ao Senhor, e serviram a Baal e a Astarote”*.

Hoje também enfrentamos uma tremenda força voltada para a ado-



ração de um deus que, em alguns aspectos, se assemelha ao antigo deus Baal: é o deus “Bola” (“ball”, em inglês). Estamos cercados pela adoração ao “beisebol”, ao “futebol”, ao “basquetebol” e a outros esportes profissionais, dos quais a maioria gira em torno de uma bola.

Não estou falando de jogos casuais entre amigos, com fins recreativos. O peso que sinto é o modo

(Continua na página 20)

Moisés estava se aproximando do fim de sua vida. O Senhor o chamou para o monte Nebo para lhe mostrar a Terra Prometida. Lá Moisés morreu e Deus o enterrou. Nunca ninguém descobriu sua sepultura.

Deus chamou Josué para ser o líder no lugar de Moisés. Josué ordenou a seus capitães:

— Vão e digam ao povo que preparem comida, pois daqui a três dias iremos atravessar o rio Jordão.

No outro lado do rio ficava a cidade de Jericó, com muralhas muito altas ao seu redor. Esta cidade tinha que ser dominada antes que os israelitas pudessem tomar o restante da terra.

Josué enviou dois espias para investigarem Jericó. Chegaram à casa de uma mulher chamada Raabe. Ela escondeu os espias para que ninguém tentasse fazer algum mal a eles.

O rei de Jericó descobriu que estes estranhos tinham ido à casa de Raabe. Ele enviou soldados para os prender. Mas não conseguiram achar os israelitas, pois Raabe os tinha escondido no telhado da casa, debaixo de uns feixes de linho.

Depois que os soldados saíram, Raabe foi ver os dois espões e disse:

— Todos nós nesta terra sabemos que o Deus de vocês é forte e que lhes deu esta terra. Ouvimos como ele secou o mar Vermelho e os guiou no deserto, dando-lhes vitória sobre os seus inimigos. Por causa disso, nosso povo tem muito medo de vocês.

Ela continuou:

— Agora, prometam-me, no nome do Senhor, que pouparão a minha vida e a vida de toda a minha família quando vierem conquistar esta cidade.

Os espias responderam:

— Daremos nossa vida em troca da sua. Nenhum mal virá sobre vocês se não contarem a ninguém por que estivemos aqui.

A casa de Raabe fora construída na muralha da cidade. Ela pendurou um cordão escarlata na sua janela. Os espias disseram a Raabe:

— Quando nossos homens vierem, você deve ter este cordão pendurado na janela. Então você e sua família serão salvos.

Naquela noite os dois espias desceram pela corda. Eles conseguiram voltar para Josué e lhe contaram tudo o que descobriram.

Deuterônimo cap. 34; Josué caps. 1-2

BÍBLICA

OS ESPIAS

de escarlata



Raabe ajuda os dois espias a fugirem de Jericó.

“Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu” (Hebreus 10:23).

1. Quem enterrou Moisés? Depois de sua morte, quem foi o novo líder?
2. Em que cidade Raabe morava?
3. O que Raabe devia pendurar na sua janela? Por quê?

Usado com permissão de: Christian Aid Ministries, Berlin, Ohio
Do livro: *101 Histórias Bíblicas Favoritas* © 1994
Livro completo disponível no site www.editoramontesiao.com.br

como os esportes profissionais e os atletas famosos se tornaram heróis ou ídolos para as pessoas do mundo. Ainda mais preocupante é que a mesma idolatria é encontrada entre os cristãos nas igrejas hoje.



Abaixo, queremos examinar algumas maneiras pelas quais a adoração do antigo deus Baal era semelhante à adoração moderna ao deus “Bola”.

1. Aqueles que adoravam Baal tinham lugares especiais para prestar adoração a seu deus. No livro de Juízes, lemos que o pai de Gideão tinha um altar para adorar a Baal: ***“E aconteceu naquela mesma noite, que o Senhor lhe disse: Toma o boi que pertence a teu pai, a saber, o segundo boi de sete anos, e derruba o altar de Baal, que é de teu pai; e corta o bosque [a imagem de Aserá] que está ao pé dele”*** (Juízes 6:25). Um dicionário bíblico esclarece que havia lugares para adoração idólatra chamados “lugares altos”.¹ A Bíblia fala de uma

época em que o templo de Baal estava cheio de gente: ***“Jeú enviou [mensageiros] por todo o Israel; e vieram todos os servos de Baal, e nenhum deles ficou que não viesse; e entraram na casa de Baal, e encheu-se a casa de Baal, de um lado ao outro”*** (2 Reis 10:21).

Hoje milhões de dólares são gastos na construção de estádios e de quadras esportivas para o culto à “Bola”. Alguns desses lugares têm uma semelhança com os “lugares altos” onde os deuses dos tempos antigos eram adorados.

2. Outra semelhança é observada no consumo de bebidas alcoólicas e nas práticas imorais. Sabe-se que muitos esportistas vivem uma vida moralmente desenfreada. No entanto, essa decadência não se limita às estrelas do esporte, mas também é frequentemente vista na vida dos torcedores que “adoram” a esse deus.

3. O amor pelo esporte é muitas vezes caracterizado pela violência, o que também acontecia no culto a Baal. Quando Gideão destruiu o altar de Joás, seu pai, e derrubou a imagem de Aserá, os homens da cidade ordenaram que Joás entregasse

¹ Nuevo Diccionario Bíblico Ilustrado, CLIE

o filho para ser morto. Lembremos do que aconteceu no monte Carmelo, no tempo do profeta Elias: quando os 400 profetas de Baal clamavam por fogo do céu, eles saltavam sobre o altar e se cortavam com facas e lanças até que o sangue corresse de seus corpos (1 Reis 18:26–28). A violência anda de mãos dadas com a adoração moderna ao deus “Bola”. Confrontos violentos entre jogadores profissionais são comuns. E, é claro, os próprios espectadores participam dos conflitos. Em certa ocasião, num jogo de beisebol da liga secundária nos Estados Unidos, dois pais começaram a discutir. Eles ficaram com tanta raiva que a discussão terminou com fortes golpes. O resultado é que um deles foi golpeado tão severamente, que mais tarde morreu por causa dos ferimentos. O jornalista e comentarista político inglês George Orwell fez uma observação sábia: “O esporte profissional não tem nada a ver com jogo limpo. Está cheio de ódio, inveja, vanglória, descaso por todas as regras e de um prazer perverso em assistir à violência. Em outras palavras, trata-se de uma guerra, só que

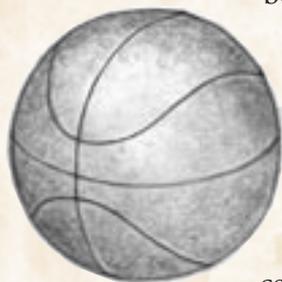
sem os tiros”.²

4. Outra semelhança interessante são as roupas especiais que os seguidores de Baal usavam na adoração a seu ídolo. ***“Então [Jeú] disse ao que tinha cargo das vestimentas: Tira as vestimentas para todos os servos de Baal. E ele lhes tirou para fora as vestimentas”*** (2 Reis 10:22). Aqueles trajés especiais os identificavam como adoradores de Baal. Os uniformes marcavam a clara distinção entre esses adoradores e os servos do Deus verdadeiro. Os adoradores modernos do deus “Bola” também têm roupas especiais. Os times gastam muito dinheiro com uniformes. O impressionante é que esses uniformes rapidamente se tornam moda entre a população em geral e são procurados no comércio pelos torcedores.



²Orwell, George. “The Sporting Spirit”. Tribune, 14 December 1945. Disponível em: <https://www.orwellfoundation.com/the-orwell-foundation/orwell/essays-and-other-works/the-sporting-spirit>. Acesso em: 18 dez. de 2024.

As pessoas não procuram apenas imitações dos uniformes, mas tam-



bém camisas, bonés e muitas outras coisas do seu time favorito. Os torcedores gastam

milhares de reais em itens exclusivos do seu time favorito. O desejo deles é se identificar com seu time usando esses itens. E, lamentavelmente, muitos que se dizem cristãos também têm prazer em identificar-se dessa forma com esse deus, chamado “Bola”.

5. Permita-me destacar mais um aspecto em que a adoração ao deus “Bola” se assemelha ao culto aos deuses antigos. Em Jeremias 7:18 lemos sobre o culto a Astarote, rainha dos céus, que era considerada a contraparte feminina de Baal. Ali diz: ***“Os filhos apanham a lenha, e os pais acendem o fogo, e as mulheres preparam a massa, para fazerem bolos à rainha dos céus, e oferecem libações a outros deuses, para me provocarem à ira”***. Podemos ver aqui que toda a família par-

ticipava daquela adoração. Da mesma forma, a família de hoje participa do culto à bola. Você pode encontrar toda a família na frente da televisão torcendo por seu time favorito.

Será que o que foi dito acima significa que jogos entre amigos ou familiares para recreação e companheirismo são idolatria? Não; essas práticas podem servir para construir boas relações entre as pessoas. O que me preocupa é a forma como a loucura do esporte profissional cativa e escraviza tão facilmente as pessoas, mesmo os crentes. É algo que contagia os jovens e deveria ser motivo de grande preocupação para os pais cristãos. Por que alguns crentes conhecem os detalhes dos jogos e as estatísticas de cada time? Será que o deus “Bola” está conquistando corações entre nós?

Quero dar alguns conselhos sobre medidas que a igreja de Cristo e os pais cristãos podem tomar para combater esse vício do esporte:

Devemos, de alguma forma, evitar que as nossas crianças e os nossos jovens sejam expostos a essa loucura moderna quanto ao esporte.

1. Não podemos permitir o uso

de computador ou de celular para acompanhar notícias de esportes. Você, como pai, tem controle sobre os dispositivos eletrônicos que seus filhos usam?

2. Não podemos usar roupas ou gastar dinheiro com artigos que nos identifiquem com os grandes times ou jogadores.



3. Não podemos frequentar estádios ou quadras esportivas onde se cultua o deus “Bola”.

4. Por último, o mais impor-

tante é que devemos adorar ao único Deus verdadeiro e somente a ele (Êxodo 20:2–5).

Quero lhe fazer mais uma pergunta: quando o Senhor Jesus Cristo aparecer nas nuvens, você gostaria de ser encontrado adorando a esse ídolo moderno e ser identificado por suas roupas com o deus chamado “Bola”?

Arnold Skrivseth

Adaptado e traduzido com permissão de

“*The Worship of Ball*”,

Midwest Mennonite Focus

julho–agosto de 2010



Respostas da atividade para crianças

1B	2D	3A		4F	5A	6A	7A	8A	9B	10E	11B	
N	Ã	O		D	E	S	P	R	E	Z	E	
12A		13D	14B	15C		16C	17F	18D				
O		D	O	M		Q	U	E				
19E	20C	21E	22A		23F	24F		25B	26F	27C		
D	E	U	S		T	E		D	E	U		



Salpicão de frango

Ingredientes:

- 4 xícaras de peito de frango cozido e desfiado
- 1 lata de milho verde
- metade de uma cebola, picada
- 3 dentes de alho, triturados
- 200g de creme de leite
- 1 colher (sopa) de caldo de galinha em pó
- 3 colheres (sopa) de maionese
- 1 colher (sopa) de azeite de oliva
- orégano, a gosto
- cebolinha, a gosto



Modo de preparo:

Junte todos os ingredientes e misture bem. Sirva como recheio de sanduíches ou como quiser. Simples e gostoso! Bom apetite!

SEÇÃO PARA OS JOVENS



A BUSCA DO CONTRABANDISTA

Capítulo 20

Hugo não contava suas lutas a ninguém e não via a necessidade de compartilhar seus pensamentos com sua esposa, tampouco perguntar se ela tinha dúvidas sobre o que eles estavam ouvindo nos cultos. Ele não tinha o hábito de procurar a opinião dos outros. Sempre tinha traçado seu próprio caminho e esperava que Carmem o seguisse de boa vontade.

Era o início da temporada da seca, trazendo céus sem nuvens e calor intenso. As atividades na vila cessavam por várias horas durante a tarde, enquanto as famílias buscavam refúgio do sol incandescente, dentro de casa.

— Esteja perto do telefone em dez minutos — anunciou Francisco, o pequeno filho do proprietário do único telefone na vila, quase sem fôlego. — E, senhor, ela disse que é a Vada.

Vada! Hugo quase caiu da rede onde estava descansando. Havia muitos anos que não se lembrava de sua irmã! Por que será que ela estava ligando?

— Estou aqui na cidade, na casa do Tio Ian — sua irmã explicou. — Vou pegar o ônibus segunda-feira e vou visitar você. Esteja em Ameco às quatro e meia. Hugo, estou tão animada! Faz anos que eu não volto para casa!

Lentamente, repôs o telefone no gancho. Ele não ficou muito alegre com a notícia. Vada era apenas uma memória distante e sua chegada o incomodava.

— Senhor Hugo! Senhor Hugo! — Era Francisco de novo, dessa vez, gritando freneticamente. Com cada palavra, seu pânico crescia até chegar ao ponto em que não dava para Hugo entender o que estava dizendo.

— Quietos, acalme-se! — Hugo ordenou-lhe severamente, pegando o menino pelos ombros para tentar parar os pulos dele. Ao toque de Hugo, o menino entrou em colapso; sua cabeça foi para trás e seus olhos ficavam brancos. Ele estava entrando em choque. Hugo deu um tapa no rosto dele.

Com isso, a cabeça de Francisco, de repente, se endireitou e ele soltou um grito de gelar o sangue. Contudo, o tapa o reavivou o suficiente para apontar para o rio.

— Ruivo... ponte — ele disse, tentando tomar ar.

A mente de Francisco estava paralisada de choque. Coitado do menino, ainda podia ver seu amigo debruçado sobre a ponte, provocando o lento jacaré com sua vara. De repente, houve um movimento desesperado e a água se agitou com violência e seu amigo desapareceu no fundo do rio.

Os gritos de Francisco seguiam Hugo e os outros homens enquanto corriam em direção da ponte. Nada se mexia sobre a superfície da água. A água batia lentamente contra os barris ao passar debaixo da ponte, correndo rio abaixo. A densa floresta sobre as margens do rio escondia os jacarés dormindo ali. Nenhum corpo flutuava. Não havia nenhum indício de que tivesse acontecido uma tragédia.

Os homens se entreolhavam. Será que alguma coisa realmente aconteceu? Todos sabiam que era inútil procurar no rio. Rochas enormes e perigosas cobriam o leito nas duas extremidades da ponte. Toneladas de rochas tinham sido postas na beira para estabilizar as margens, a fim de obter uma travessia mais segura. As águas escuras do rio Ramos faziam com que a visibilidade fosse quase nula.

A notícia logo se espalhou pela vila e todos foram para o rio. Hector, apelidado de Ruivo, não se encontrava em nenhum lugar da vila. Finalmente,

Francisco parou de chorar tanto e conseguiu contar o que tinha acontecido.

— Estávamos deitados assim — demonstrou o menino de nove anos, deitando-se sobre a ponte com seus braços e sua cabeça pendurada sobre a água. — Tínhamos varas, mas Ruivo não podia alcançar o jacaré. Então, ficou de joelhos na beira da ponte; e ele caiu! — Francisco começou a chorar mais uma vez.

— Eu quero Ruivo, quero Ruivo — ele gritou.

Alguns homens pegaram algumas varas bem longas, empurrando-as ao longo da extensão da ponte e debaixo dela. Alguns entraram em uns barquinhos para ver se conseguiam uma posição melhor com suas varas. Derrotados, cessaram as buscas e voltaram para a vila onde as lamentações pela morte do Hector já tinham começado. Gritos, gemidos e prantos encheram a rua onde a família e amigos se ajuntavam, ao redor da casa de Hector.

Dois ocasiões uniam os vizinhos: os casamentos e a morte. Hoje, era um dia de morte.

A morte do pequeno Hector afetou Hugo mais do que qualquer outra morte que tivesse presenciado. A vida trazia alegria. A morte trazia tristeza e dor pela partida de um ente querido. Mas a vida continua depois do enterro. Pela primeira vez em sua vida, Hugo estava disposto a reconhecer que, depois da morte, uma pessoa tinha de enfrentar a Deus. Assim foi com seu pai, Léo. Hugo sentiu uma sensação sombria. Seu pai não estava sóbrio quando morreu, e Hugo sabia que ele não estava pronto para se encontrar com Deus.

Foi um pequeno grupo que se reuniu em Blanco naquela sexta-feira à noite. A tragédia de São Marcos tinha tocado cada pessoa. Memórias doloridas voltaram aos corações de Jay e Ida ao se lembrarem da morte do próprio filho mais uma vez. Ninguém ali presente estava isento de ser tocado pela tristeza.

— Queridos amigos, vamos orar juntos antes de compartilhar convosco o que Deus tem colocado em meu coração hoje — disse o irmão Esteban, com palavras confortantes ao começar o culto.

— Querido Pai celestial, ajude cada um de nós aqui presentes a saber, com confiança, que quando o nosso tempo aqui nesta terra terminar, teremos um lar contigo no gozo do céu. Amém.

“A minha mensagem hoje à noite é sobre a borboleta. Vocês têm lindas borboletas neste país. No meu país, existem algumas dessas mesmas borboletas também. Outras são diferentes, mas todas são lindas. Hoje de manhã, quando caminhava pela floresta ao redor desta vila, eu estava orando: ‘Senhor, que mensagem tens para eu pregar hoje à noite?’ Logo vi uma linda borboleta brilhante com asas violetas e bordas pretas. Era magnífica e tão perfeita. Pensei

comigo mesmo: Como é possível que as pessoas não acreditem em Deus? Só o Senhor podia ter criado uma coisa tão incrivelmente linda. Mas, amigos, aquela borboleta nem sempre foi linda. Teve uma época em que foi uma simples lagarta, peluda e rastejante, e depois uma pupa. Ela teve de passar por uma metamorfose, ou mudança de forma, antes de poder tornar-se linda. Eu tenho uma ilustração para nos ajudar a entender isso melhor.”

Sua audiência inclinou-se para frente, ansiosa para ouvir o que ele ia dizer. As borboletas eram comuns, mas eles nunca tinham ouvido falar sobre metamorfose.

— Uma borboleta passa por quatro estágios. O ovo, a lagarta, a pupa e, finalmente, a borboleta adulta. Depois de várias semanas alimentando-se, a lagarta fixa-se num galho ou em outro lugar adequado. Ela perde sua pele e enrola-se em sua pupa. Dentro dessa prisão, ocorre uma transformação. A estrutura da lagarta transforma-se ao mesmo tempo em que ela alimenta a estrutura adulta. Antes do adulto sair da pupa, sua casca fica transparente, revelando a borboleta por dentro. Quando ela sai como uma linda borboleta, suas asas ainda estão dobradas. Então, apertando seus músculos, ela injeta sangue e ar nelas, expandindo-as e, assim, lhes permitindo endurecer antes de poder voar.

“Nós somos como as borboletas; primeiro um bebê, depois uma criança inocente. Alcançamos a fase da pupa quando nossas mentes se desenvolvem e podemos distinguir entre o certo e o errado. Deus bate à porta de nossos corações e nos dá convicção para que conheçamos a verdade. Andamos procurando, insatisfeitos e atrapalhados na prisão do egoísmo. Finalmente, renunciamos ao ego e buscamos em Deus a salvação de nossas almas. Nosso passado é perdoado e esquecido quando nos arrependemos, quando confessamos e damos as costas para nossos pecados, recebendo Cristo como nosso Senhor e Salvador pessoal. Nós nos alimentamos da Palavra de Deus, a Bíblia. Oramos, conversando com nosso Pai celestial e, dessa prisão feia do egoísmo, emerge uma nova criatura. Uma linda alma, limpa e sem mácula, que reflete a glória de Deus. ‘Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.’ Vamos nos abrir para a verdade. Respiremos o fôlego da vida, alimentando-nos da Palavra de Deus e tornando-nos suficientemente fortes para sair e compartilhar com outros o evangelho da salvação.”

A figura da alma do homem lutando consigo mesmo, esperando emergir de sua prisão, ficou fixada na mente de cada ouvinte.

Hugo se segurou forte no banco, a condenação o consumia, mas os grilhões do pecado o prendiam e ele não tinha força em si mesmo para rompê-los.

Hugo passou o sábado atormentado.

— Senhor Jay, você tem de fazer algo — ele implorou. — Eu não... posso... mais... continuar... nesta... situação — cada palavra era difícil, sua força estava acabando de tão real que era a luta interior dele.

Lágrimas caíram pela face de Jay ao explicar o caminho da paz para Hugo.

— Com prazer pediria pelo perdão de seus pecados, Hugo, mas não posso. Leia Romanos 10:9 comigo: ‘Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo’. Agora o versículo 13: ‘Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.’

Hugo balançou sua cabeça atordoado, incapaz de falar. Parecia fácil demais e, ao mesmo tempo, parecia um ato covarde. Alguma coisa o prendia; algo maior do que ele.

Os cristãos passaram o domingo em oração a favor de Hugo e Carmem. Aquela noite seria a última noite dos cultos.

Naquela noite, enquanto a Palavra de Deus estava sendo pregada, o Espírito Santo estava suavemente chamando Hugo a se render.

O último hino foi anunciado. Suavemente, os cristãos cantaram:

Bem longe do Senhor vaguei,
Volto agora ao lar.
Veredas más eu palmilhei,
Hoje volto ao lar.
Volto ao lar, volto ao lar!
Não há mais vagar!
Abre os braços teus de amor;
Volto ao lar, Senhor!

Madeline, de 17 anos, rendeu-se ao chamado divino. E enquanto ela se dirigia à frente da igreja, sua mãe também se levantou e a seguiu, pois também desejava a paz.

Se duas mulheres fracas têm a coragem de pedir perdão, um homem forte como eu também poderia! Hugo se levantou de seu lugar, recusando-se a continuar ouvindo a voz do inimigo, que insistia com ele para não fazer papel de bobo.

— Perdoe-me — implorou contrito, caindo de joelhos em arrependimento. — Perdoe-me. Senhor, eu creio. — Imediatamente, sua carga terrível caiu e uma gloriosa paz encheu o seu coração. Ele se levantou, sem perceber que os cristãos tinham parado de cantar e estavam chorando de alegria. Nesse momento, seu único pensamento era sua esposa. Ele queria tanto que ela estivesse com ele nesta decisão.

Voltando para onde ela estava sentada, ele lhe perguntou:

— Você entende, Carmem? Você entende que essa decisão minha de seguir a Cristo é para o resto da vida? Você pode tomar a mesma decisão? Serviremos a Jesus Cristo para o resto das nossas vidas.

Carmem somente podia assentir com sua cabeça; seu coração estava cheio demais. Se Hugo queria crer como o senhor Jay e dona Ida, ela queria também.

Suavemente, a congregação recomeçou o hino:

Meu tempo em vão desperdicei; Volto agora ao lar.
Do Pai de amor me afastei; Volto agora ao lar. (...)
Cansado estou, aflito andei; Volto agora ao lar.
Em ti, Senhor, me abrigarei; Volto agora ao lar.

Enquanto cantavam, as orações eram elevadas ao céu em favor da Carmem para que ela também tomasse a mesma decisão de seu esposo.

— Tem certeza de que você entende, Carmem? — Hugo perguntou pela segunda vez, querendo que ela tivesse absoluta certeza. Carmem balançou sua cabeça novamente e, juntos, esposo e esposa dirigiram-se para frente, buscando perdão ao pé da cruz.

Pela primeira vez em sua vida, o medo de Carmem desapareceu e ela sentiu paz em seu íntimo.

O caminho ao lar celestial tinha sido longo. Por que tinham resistido? Hugo ficou maravilhado quando o amor de Deus encheu o seu coração, transbordando sobre as pessoas ao seu redor. Ainda bem que ele não podia ver a tempestade de provações que estava se formando mais à frente. Porém, hoje à noite, o céu tropical estava cheio de milhões de estrelas brilhando sobre sua terra natal, que descansava serenamente. Nenhum controle da polícia impediu a viagem de volta para casa naquela noite. Hugo se sentia seguro, envolvido no amor divino.



Compre o livro no site:
www.editoramontesiao.com.br

(Continua na próxima edição.)

— Lily A. Bear

Usado com permissão de:

Christian Light Publications, Inc.

Harrisonburg, Virginia, EUA

Todos os direitos reservados



SEÇÃO PARA AS CRIANÇAS



O presente para o professor

O professor faria aniversário na sexta-feira. Como foi difícil para os alunos escolher um presente! Finalmente, escolheram um porta-canetas de madeira que também tinha um calendário.

Quando chegou a sexta-feira, os alunos estavam muito entusiasmados. Durante o recreio do meio-dia, poucos saíram para brincar. Quem ficou lá dentro passou o tempo observando o professor Kline, que pendurava na parede algumas folhas com desenhos que os alunos haviam feito na aula de artes.

A primeira folha era a de Milly, e mostrava uma família feita de bonecos de neve. Tinha o pai, a mãe, duas gêmeas sorridentes e um menino. O menino travesso mostrava a língua (uma cenoura comprida) para as gêmeas. Era uma pintura engraçada, e todos os alunos ficaram admirados. Mas Milly escondeu o rosto com as mãos e fingiu estar envergonhada pelo desenho. Então, ela exclamou:

- Que nojo! É muito feio.
- Não! — os outros responderam em coro. — Você é uma desenhista.
- Não, isso não é verdade. Esse desenho é horrível.

Cada vez que o professor pendurava outra folha, acontecia a mesma coisa. Se o desenho fosse bonito, os alunos parabenizavam quem o tinha feito:

— Você sabe desenhar.

— Não, eu não; vocês, sim.

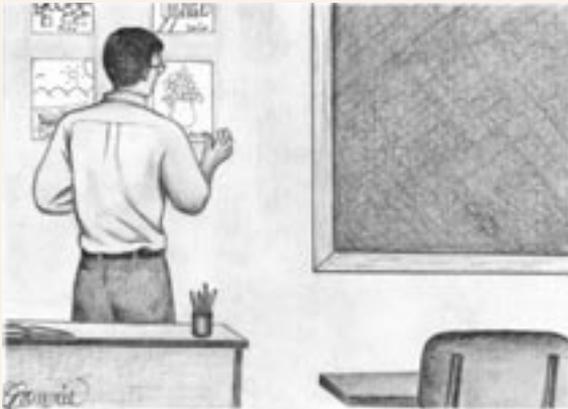
— Ah, mas você é desenhista. Esse desenho é muito bonito.

— Não, não sei desenhar.

O professor não disse nada, embora estivesse pensando... Quando o sinal tocou, os alunos rapidamente ficaram ao lado de suas carteiras. Com o rosto radiante, esperaram por Dóris. De repente ela começou a cantar, e todas as vozes se juntaram a ela: “Parabéns pra você...!”

— Obrigado! — disse o professor Kline. — Vocês realmente me fizeram uma bela surpresa!

Então duas alunas se aproximaram: Dorotéia colocou o presente na mesa do professor, e Emma entregou-lhe um cartão assinado por todos os alunos.



O professor Kline começou a desembulhar o presente. Impacientemente, os alunos esperaram. Por fim, o presente foi aberto. Todos podiam ver o porta-canetas de mogno. Era mais bonito do que eles imaginavam.

— Que nojo! — exclamou o professor Kline. — Vocês acham essa cor bonita? Por que não escolheram um porta-canetas azul? Vocês já sabem que eu gosto dessa cor!

Os alunos sentaram-se surpresos. Que decepção! Eles não podiam acreditar no que estavam ouvindo.

O professor olhou para as canetas.

— Essas canetas são muito curtas. Quem gosta de escrever com canetas tão curtas?

Após abrir o cartão, exclamou novamente:

— Que nojo! Quem fez esse desenho?

Milly olhou para a mesa. Lágrimas encheram seus olhos. O professor Kline ergueu os olhos. Ele quase chorou ao ver a tristeza dos alunos. Com uma voz muito terna ele lhes disse:

— Crianças, quero que aprendam uma coisa. Como vocês se sentiram quando eu fingi estar descontente com seu presente? Muito mal, não é verdade? Cada um de vocês pode fazer bem pelo menos uma coisa. Quando Deus nos criou, ele nos deu presentes, assim como vocês me deram um. Quando Deus criou a Dóris, ele disse: “Na terra, eles precisam de alguém que possa conduzir as músicas sem ficar nervoso”. Ele deu esse presente a Dóris. Quando ele fez a Milly, pensou: Precisamos de alguém que saiba desenhar bem. E deu essa habilidade a Milly.

“Vocês se lembram de como se sentiram quando abri seu lindo presente e disse: ‘Que nojo!’? (É claro que eles se lembravam!) Vocês sabem por que fiz isso? Quando eu estava pendurando as folhas na parede, alguns de vocês que têm o dom de fazer desenhos lindos disseram: ‘Que nojo! Eu não sei desenhar.’ Sem perceber, o que estavam dizendo era: ‘Que nojo! Não gosto do presente que Deus me deu.’”

O professor Kline sorriu e continuou:

— Quando alguém elogia o seu trabalho, não seria melhor dizer humildemente: ‘Bom, sempre gostei de desenhar. Mas há outras coisas que você faz melhor do que eu.’ Não devemos ter vergonha de um presente nem nos orgulhar dele. Mas não é orgulho reconhecer que outra pessoa nos deu um bom presente, certo?

“Agora, crianças, quero lhes dizer que agradeço muito pelo presente que vocês me deram. Para mim, ele é precioso e eu gostei muito dele. Obrigado, muito obrigado!”

Elmo Stoll
De *Step by Step*
(Usado com permissão)



VERSÍCULO PARA MEMORIZAR

“Cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons mordomos da multiforme graça de Deus” (1 Pedro 4:10).



Atividade para crianças

Passo 1: Pesquise na história a palavra correta para cada pista abaixo. Escreva uma letra por espaço. Passo 2: No quadro abaixo, escreva a letra que corresponde a cada espaço. Exemplo: O primeiro espaço está na frase "A" e tem abaixo o número "7", ele é o "7A". Escreva na caixa "7A" a letra que estiver no espaço "7A". Quando terminar, você poderá ler um conselho sábio.

A. Estava fazendo aniversário: _____.

7 8 3 5 6 22 12

B. Os alunos fizeram nas aulas de arte: _____.

25 9 11 1 14

C. "Os alunos parabenizavam _____ o tinha feito."

16 27 20 15

D. A reação do professor foi uma grande _____ para os alunos.

13 18 _____ 2

E. Dóris tinha o dom de _____ músicas sem ficar nervosa.

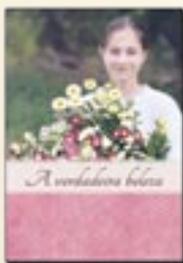
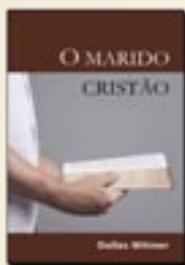
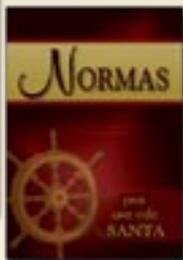
_____ 19 21 10 _____

F. Devemos responder _____ quando alguém elogia nosso trabalho.

_____ 17 _____ 4 24 _____ 26 _____ 23

1B	2D	3A		4F	5A	6A	7A	8A	9B	10E	11B	
12A		13D	14B	15C		16C	17F	18D				
19E	20C	21E	22A		23F	24F		25B	26F	27C		

LIVRETOS TEMÁTICOS



Literatura Monte Sião

(15) 3264-1402

✉ LMSvendas01@gmail.com

site: www.editoramontesiao.com.br

Bíblia — Livros — Folhetos — Cursos bíblicos

A estrela do norte

Angustiado e triste, um escravo ansiava encontrar liberdade.
Ombros curvados, suando, confuso com tanta crueldade.
Um dia, ele ouviu uma mensagem: “Procure a Estrela Polar!
Seguindo sua luz rumo ao norte, a liberdade você vai encontrar

Com os olhos iluminados, ansioso, de noite procurou a estrela,
Encontrou-a e, começando sua viagem, partiu com anseio e cautela.
Noite após noite, em sua jornada, do fundo da alma começou a cantar:
“Procure a Estrela do Norte; a liberdade você vai encontrar!”

Outros ouviram o canto; nasceu-lhes o desejo no coração.
E de fazenda em fazenda soava a esperança daquela canção.
“Procure a Estrela do Norte, procure a Estrela Polar!
Siga sua luz rumo ao norte, a liberdade você vai encontrar!”

Às vezes, hoje em dia, nos sentimos confusos: qual é a verdade?
Curvados, procuramos uma saída, desejamos encontrar liberdade.
“Procure a Estrela do Norte! Procure a Cristo Jesus!
No seu rosto e na sua Palavra, nele somente há luz.”

Ele é quem nos dá esperança, é quem nos liberta de verdade.
Ele é quem nos mostra o caminho, é quem nos dá liberdade.
“Procure a Estrela do Norte! Procure a Cristo Jesus!
Caia aos pés dele com sua angústia; traga todo seu ser para a cruz.”

Ruth Yoder de Nisly



“Temos... a palavra... à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que ilumina em lugar escuro...” (2 Pedro 1:19).